

O PODER E A DISCIPLINA NO CONTEXTO ESCOLAR

SAMPAIO, José Roberto Zanetti¹; OLIVEIRA, Avelino da Rosa²

¹Universidade Federal de Pelotas, curso de licenciatura em filosofia (aluno bolsista do programa de iniciação a docência - PIBID);

²Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação.
avelino.oliveira@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa o esclarecimento da questão atual sobre a identidade do aluno na escola, sendo que este não se sente como parte da instituição, mas sim como distante dela e mais perto do mundo que o cerca. Uso aqui como ferramenta e pano de fundo para articular essa questão a filosofia de Michel Foucault e o auxílio de seus comentadores na área de educação, demonstrando que a identidade pode ser tratada através do método genealógico usado pelo filósofo.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Foi realizado um amplo estudo bibliográfico sobre escritos que correspondem à conversação com o filósofo Michel Foucault: *soberania e poder*, e também do segundo capítulo de sua obra: *Vigiar e punir* intitulado *Os corpos dóceis*. O enfoque é dado às categorias *poder e disciplina*. Foi também analisado um texto referente à questão da identidade: *A produção social da identidade e da diferença*, do autor Tomaz Tadeu da Silva que enfatiza a categoria *identidade* vinculada ao poder. Paralelamente, foi realizada uma pesquisa sobre a recepção do filósofo Foucault no contexto da educação no livro denominado *Foucault & a educação*, de autoria de Alfredo Veiga Neto. Utilizou-se também referências do artigo: *Liberdade e disciplina: transformações*, de Ludwig A. Pongratz, comentador de Foucault vinculado a teorias sobre a educação.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um problema assalta as escolas e todo o sistema básico de ensino (1º e 2º graus), que é o da identificação do jovem com a instituição escola. Frequentemente, recebemos notícias por vários meios de comunicação de que jovens estão depredando as suas escolas e que a indisciplina perturba os corações de professores, diretores e pais, que não sabem solucionar esses problemas porque nem sequer conseguem discernir de onde os mesmos se originam. Assim, muitos se identificam com muitas hipóteses diferenciadas de várias linhas ideológicas, tentando afirmar que o problema pode ser: a falta de disciplina nas escolas ou mesmo a dos pais. Outros afirmam que o problema pode ser a falta de afeto dos pais para com seus filhos ou a falta de diálogo. Entretanto, não é pensado comumente que o problema pode (e talvez deva) ser analisado em sua raiz e estudar as profundezas do conhecimento da instituição escola para saber o contexto de seu surgimento pode ser um dos caminhos. Estudar a instituição pode implicar em saber que, afinal, a disciplina dentro da escola nunca deixou de existir ou que

mesmo poderá se extinguir futuramente, pois esta, em verdade, só trocou as vestes que disfarçam sua atuação.

A identificação do aluno com sua escola, hodiernamente, torna-se um problema que deve ser explorado, pois a escola não consegue manter os seus alunos dentro das salas de aula e, em grande parte, os que pertencem a uma comunidade economicamente desprivilegiada entram nos números dos índices de repetência e de evasão escolar. Isso ocorre porque o aluno vai para a escola por mera obrigação ou por talvez desejar um futuro melhor. O conteúdo visto dentro da escola se torna obsoleto e sem sentido para o aluno, pois o mundo mesmo oferece saberes que ele considera de melhor qualidade e mais atrativos: os saberes da mídia, das tecnologias, da diversão. Não seria o problema da falta da identidade entre aluno e escola ou de uma relação de disciplina que em vez de envolvê-lo, o afasta? Não estariam nossas escolas funcionando de forma adestradora como as antigas instituições repressivas? Para responder a essas perguntas, é necessário antes saber algo sobre o próprio conceito de identidade, que está vinculado intimamente à instituição escola. Mas, não se trata aqui de oferecer uma teoria da identidade pronta para ser tomada e seguida, pois facilmente poderia ser oposta a outros modelos diferentes de identidade que concordam com diferentes pontos de vista e associam a identidade a: problemas da economia, da própria escola, ou do mundo pós-moderno com sua ética fragmentada. O problema da identidade com a instituição deve ser visto em sua raiz, e para que isso ocorra, deve-se utilizar o método genealógico de Foucault. Tomando-o emprestado, podemos evocar a instituição em seu contexto de surgimento.

Tomaz Tadeu da Silva afirma que a identidade é reconhecida através de sua relação com a diferença: “identidade e diferença estão numa relação de estreita dependência”. (SILVA, 2009, p.74) Afirma que cada uma dessas reconhece-se como tal através da existência da outra. Desse modo, só podemos ser nós mesmos através do nosso contrário e sendo, ao mesmo modo, o inverso para a diferença. A identidade e a diferença se fazem intimamente conectadas em relação ao poder. Quando existe alguma forma de diferenciação entre as pessoas, o poder está envolvido e ocorre um processo onde a identidade e diferença são produzidas, através de processos como *excluir*, *demarcar*, *classificar* como bom ou mau etc. Conceitos como *inclusão* e *exclusão* aparecem para definir sempre o que fica *dentro* ou *fora* do que a sociedade deseja.

A identidade *na* e *com* a escola pode ser vista através de relações de poder e, portanto, através da relação com sua diferenciação. O jovem comumente tem a sua identidade revelada com o seu distinto, aquele que ele não quer ser. Mas isso, pode também gerar o uso indevido de poder, onde o excluído, o diferente, é posto de lado por não pertencer aos moldes do que é aceito socialmente pelos outros. Esse tipo de uso de poder, por vezes, também se dá através dos professores que excluem os que não possuem um perfil de bons alunos, aqueles que não são dóceis e maleáveis, etc. A identidade dentro da escola está fundamentada através de usos desmedidos de poder dentro dela, em que todos lutam por algo, seja material, ou reconhecimento social.

Quando Foucault fala do uso de poder, indiretamente está mencionando a genealogia, que se caracteriza por ser um método vinculado à pesquisa histórica, mas não aquela que conhecemos, pois existe uma distinção. Comumente, se vê a história através dos grandes feitos e proeminentes personagens, uma história que toma o presente como guia absoluto para investigar o passado. O método genealógico, ao contrário, valoriza os documentos empoeirados esquecidos pela

história e pela ciência e que, agrupados dentro de seu conjunto, mas não revelados e diferentes da história comumente conhecida, procuram buscar a construção da interpretação histórica feita a partir do presente, ou, melhor dizendo, do seu contexto de surgimento e afirmação.

Desde o século XVIII, a forma de controle dos corpos através da disciplina sofreu mudanças constantes. Nas palavras de Foucault, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”.” (Foucault, 2009, p. 133) A disciplina, assim, é caracterizada por ser um mecanismo de poder que visa o controle minucioso dos corpos.

Na época do Iluminismo, a exigência da disciplina na escola era diferente da pretendida na Idade Média, que era centrada em intermináveis punições corporais, com a finalidade de disciplinar não só os corpos, mas também as almas. Para se justificar, ela passa a ter de ser racionalizada, devendo ser justificada perante os olhos alheios e dos ideais de autonomia do ser humano levantados por Emanuel Kant. A autonomia era associada à liberdade e não poderia estar relacionada a uma forma de controle e punição medievais. Na escola, certos métodos predominaram como o de August Hermann Francke (1663-1727). Para esse pedagogo alemão, o aluno deve ser punido a fim de que possa dar-se conta de seu erro moral e, então, possa ajustar seu comportamento. O objetivo não é causar dano ao corpo do aluno e nem vingar-se dele, mas a meta é que, dessa forma, ele possa aprender os ensinamentos, curve-se à exigência da disciplina e obedeça a seu mestre. Uma punição comum era machucar a mão do aluno infrator, que, depois disso, deveria mostrá-la para a seu mestre, para que o mesmo fosse criando um vínculo de aprendizado e de reconhecimento do erro.

No século XIX, a punição toma outra face e se torna ainda mais racionalizada, controladora e sutil. Ocorre em reformas no currículo escolar e também acontece através da separação de alunos em fileiras com a identificação de cada um em sua carteira. Um olhar microscópico que pretende absorver o comportamento de cada aluno, para possibilitar um desenvolvimento e ajuste desse para com a sociedade é outra medida eficaz de controle. A escola torna-se, nessa época, uma máquina de aprendizagem e tem como objetivo preparar um grande número de alunos para a sociedade.

A exigência da disciplina livra-se de sua ligação com a punição corporal e passa a ser quase invisível. O objetivo é que o aluno dê-se conta de que deve ser um bom cidadão, um bom trabalhador e, para isso, deve ajustar-se à sociedade. Assim, à punição é associado o caráter social, pois se o aluno não se ajustar ao meio em que vive, pode sofrer consequências duras e estar sujeito a punições que desembocam em exclusão da comunidade escolar. As reformas pedagógicas liberais tomam a atitude de dar liberdade aos alunos para que possam aproximar-se mais de sua escola. O ideal de escola vinculada à comunidade a que o aluno pertence toma as salas de aula. O objetivo agora é conhecer o aluno e sua realidade para melhor inseri-lo dentro do modelo de disciplina escolar. Os absurdos disciplinares devem assim ser esquecidos e trocados pelo controle quase imperceptível sobre os alunos. As punições acontecem de forma a excluir os alunos da comunidade escolar através de advertências verbais esclarecedoras sobre seu mau comportamento. Portanto, novas técnicas de como colocar os alunos em círculo são usadas, não para que todos se tornem iguais entre si, mas para que todos se autocontrolem a todo momento e vigiem-se mutuamente.

4 CONCLUSÃO

Em vez de vermos a identidade como surgida através das mudanças sociais causadas por paradigmas dados através de acontecimentos históricos que transformaram o modo de ver de uma sociedade e que ofereceram um modo de ser, podemos ver a identidade como surgida através de um contexto de uso indevido de disciplina e de poder, no caso a identidade do aluno com sua escola. Esta sempre exerceu um forte poder sobre o aluno e também, indiretamente, sobre toda a sociedade, dado que todos somos educados para ela (a sociedade). O aluno de nosso contexto social ainda vê a escola como uma instituição diretamente ligada à disciplina. Como ele vive em um mundo que diz que o jovem deve se libertar das correntes da sociedade, passa a desprezar a escola. Visto que ele não sabe que está sobre o domínio de outros poderes mais fortes como o do consumo que o educa subjetivamente para comprar produtos através da propaganda constante. Olhar a questão da identidade sobre o enfoque genealógico de Foucault ajuda a demonstrar o quanto ainda estamos errados ao acreditar indevidamente que podemos nos livrar de uma escola vinculada ao modelo disciplinar. O trabalho enfatiza também que, tanto a disciplina quanto o poder em si não são ruins, pois a sociedade não funcionaria sem eles. Poder e disciplina não devem ser exercidos de forma indevida, a exemplo dos crimes cometidos durante a época medieval de punição, através dos suplícios e do uso intenso da mortificação e da tortura.

5 REFERÊNCIAS

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. *Soberania e disciplina*. In: MACHADO, Roberto (org.) *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1992. Cap. 12 p. 179 - 191.

PONGRATZ, Ludwig A. *Liberdade e disciplina: transformações na punição pedagógica*. In: PETERS, Michel A. (org.) *Por que Foucault? Novas diretrizes para a pesquisa educacional*. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 3, 40 – 53.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *A produção social da identidade e da diferença*. In: Silva, Tomaz Tadeu da. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009. Cap. 2, 73 – 101.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autentica 2007.